

Memorabilia Rouge

[como postular uma coordenada geográfica no vazio]

HENRIQUE GRIMALDI FIGUEREDO

intransitiva
• revista

HERANÇAS QUE RECEBEMOS, LEGADOS QUE DEIXAMOS (V. 5, N. 2, 2021)

Memorabilia Rouge

[como postular uma coordenada geográfica no vazio]

Henrique Grimaldi Figueredo

*Hoje se eu pudesse
eu voltava à cidade
Só para beijar
a cidade na boca*

Matilde Campilho [excerto]

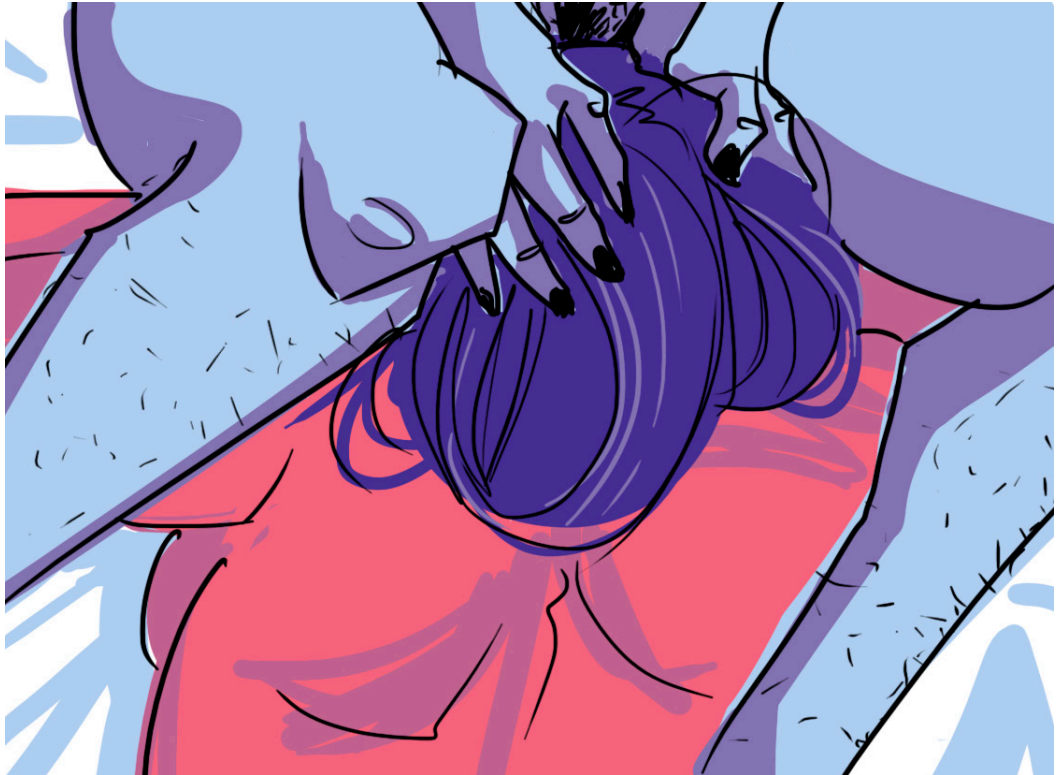
I

Loïc não enxergava as cores e por isso seu mundo era simples. Nada exigia, nem presença ou constância, sobretudo porque o verbo nos convidava – dizia ele – a um deslimite da palavra; tampouco aspirava qualquer fechamento: gozava na dúvida, que é solene e sempiterna o único sólido do mundo. Apurava somente o que lhe cabia. E às vezes nem isso se encaixava. Loïc sabia diferenciar o canto de mil espécies de pássaros e por isso habitava uma intrafegável trivialidade. E por isso também suspendia qualquer istmo entre os nossos corpos, inscrevendo nos lençóis uma narrativa geográfica, que é o modo como os deuses escolheram singrar a terra na criação dos mapas. Duas bestas inadiáveis. Loïc portava um tipo de bailarino e vivia a se entesar felíneo, pela casa. Etéreo, cinesia vaporosa de Bausch, um homem-trajetória. Bailava o trote. Escrevia-me poemas em francês e desenhava-me em pastel seco, e por isso penso, sempre permanecia algo de subterrâneo em suas estrofes e as gravuras, todas elas, dissipar-se-iam.



E por isso também que em nossa quinta despedida, ao passo que lhe explicava a tragédia da sociologia ocidental, Loïc interrompia-me para dizer: Padeço ainda hoje ressaca tua; nunca mais tomei o metrô, ficou silencioso sem ti, mind the gap.

Bruxelas, Bélgica



II

De bruços na cama a luz elétrica tinge de azul o cabelo preto e arrepiado na nuca, as escápulas tensionadas conquanto os cotovelos sulcam o colchão, apontados ao sul infernal, reduto nosso. Da boca o sumo do figo escorre ao passo que explica a teoria matemática que faz de $1+1$, três.

A beleza factual te habita em duas medidas:

- (1) no equívoco algébrico;
- (2) na poça de suor cambaleante em teu cóccix.

Barcelona, Espanha

III

Quando úmido e letárgico o verão, quando quente o suficiente para lhe ativar na veia republicana o sangue dos revoltosos da Praça Josep Oriol, inicia finalmente o strip-tease em casa e anda gotejando pelos quartos, o cabelo grosso agarrado à nuca, qual piche crepuscular a escorrer da têmpera luminosa à primeira curva do poeta tatuado na garganta. Quando volto ao livro, cataclísmico, intraduzível, que me come as horas de sol, sempre lhe encontro lá na forma de três ou quatro gotas espalhadas na página – a lhe denunciarem e a sua paixão por Keats. Descobri que apesar da renúncia pública, gostava, e muito, desse outro, porque no dia em que dediquei-lhe num livro ‘Not to the sensual ear, but, more endear’d’, você sorriu. Quando a iluminação pública trabalhava caprichosa e os escritos capturavam em totalidade a minha atenção, punha-se vertiginosamente enciumado e vinha pendurar-se na barra estratégica do armário inglês, sempre e oportunamente à vista minha. O modo como os músculos tencionavam-se e os shorts pendiam hesitantes-zombeteiros no corpo-equilibrista; o modo como desistia rapidamente do inglês e reacendia o desejo na língua nativa de Lorca; ‘cariño’, uma evocação; estes seus modos todos me fizeram perder o prazo da disciplina eletiva. Whatever, o curricula se repetiria em setembro, a sua acrobacia não.

Londres, Reino Unido





IV

Dia desses lhe disse,
O amor sempre me foi laborioso,
Nada de rosa de sal e topázio
É como se aprendesse
A língua basca.
E penso que o basco se encarrega propriamente disso
Das impronunciabilidades,
Dos nomes que não se entregam com facilidade
A forma que a língua assume
No oco da boca
Na lida com seus kazes e seus xizes.
Imagino mesmo que a beleza
- E o amor -
Nasçam desse nó fisiológico que a língua dá
Para fazer surgir à fala,
Essa onda que a língua faz no mar da boca.
Paixão é coisa outra,
É quando falamos aramaico
Sem saber aramaico
Vide os possuídos nos filmes de terror.

Rio de Janeiro, Brasil

Sobre o autor

Doutorando em Sociologia pelo IFCH-UNICAMP e Pesquisador Visitante na École des Hautes Études en Sciences Sociales. É editor executivo do periódico acadêmico *Todas as Artes – Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, sediado na Universidade do Porto, em Portugal, e atualmente vive e trabalha em Paris, França. Autor de diversos artigos acadêmicos e também de experimentações literárias, vem utilizando-se da escrita ensaística e poética como método de prolongamento de seu processo de análise, um espaço outro de simbolização.